

DIFICULDADES DA PACIFICAÇÃO

Raul Pilla

7.8.46

(Para os "DIARIOS ASSOCIADOS")

2243

Numerosas são as dificuldades que se antepõem à obra de pacificação e restauração empreendida pelo sr. Presidente da Republica. Provem algumas dos homens, dos seus vícios e das suas paixões; originam-se outras no proprio sistema político, que até agora se tem praticado na Republica.

Uma destas, já a venceu galhardamente o sr. Eurico Dutra. Sendo o presidente da Republica pela sua propria origem eleitoral, a expressão de um partido, o partido victorioso nas urnas, está ^{na} exa. libertando desta estreita e quase fatal contingencia, para elevar-se, como disse, à suprema categoria de Presidente de todos os brasileiros. A feliz solução dos casos da interventoria do Mato Grosso e da Bahia confirmam esta alta insiração: o magintração está rompendo galhardamente as peias do candidato.

Mas não será facil vencer as resistencias opostas pelos donatarios dos Estados a uma ampla politica de garantias e realização democratica. Estas resistencias todas as estão sentindo e a elas se tem referido em termos enérgicos, senão candentes, o sr. ministro da Guerra.

Injusto seria, porem, levá-las exclusivamente à conta de mesquinhez de espirito e falta de patriotismo. Se não se quer ceder, abrindo mão de posições que, bem ou mal, se julga haver conquistado, decorre isto, em grande parte, do regime politico, que desde 1891 temos praticado.

Carateriza-se este, com effeito, pela inabalavel estabilidade das posições de mando. Quem está no poder sabe que nele poderá permanecer indefinidamente: quem está na opposição sabe tambem que definitivamente será o ostracismo, a não ser que se funda a um adversario complacente e generoso, ou sobrevenha um golpe da fortuna. O que conta em tal regime é o poder e não a opinião publica. E' o poder que gera, legitima e mantém o poder.

Em tais condições, como não não-de resistir os detentores das posições, como não-de entregar de boa mente ao adversario, ou partilhar com ele a unica força real e efectiva na politica brasileira?

E', pois, o que há de mais natural essa resistencia dos elementos politicos dominantes nos Estados, aos patrióticos propósitos manifestados pelo sr. Presidente da Republica. Mais do que da natureza humana, decorre da natureza do regime quase autocrático que temos praticado e, pelo jeito se quer continuar praticando. Ninguem entrega, de ânimo tranquillo, ao inimigo, a lâtego com que o flagelou sem piedade.

Diversamente succederia porem, se em vez do regime presidencial, que nos deformou profundamente a mentalidade, praticassemos o regime parlamentar. Uma das consequencias mais benéficas deste sistema é humanizar as lutas politicas. Como nenhuma situação é definitiva, sabe o partido que hoje deixa o poder por causa dos seus erros ou de circunstancias fortuitas, que amanhã, revigorado pelos erros do adversario, poderá facilmente voltar à tona. Nada é definitivo, nem governo, nem opposição e, por isto, não se conhecem ali os partidos situacionistas, característicos do regime presidencial na America Latina.

Assim, a adoção do sistema parlamentar viria facilitar grandemente a pacificação que se está procurando estabelecer no País e concorreria poderosamente para o clima de confiança, em que tanto se fala. Alem disto, caracterizando-se ele pelo governo de gabinete, nenhum outro regime se prestaria tanto a um governo de concentração, se tal se viesse a considerar necessario.

Tudo se simplificará com esta reforma, mais que necessariamente urgente. E, alem de se atenderem as necessidades occasionais e transitorias, se criaria, com ela, um novo sistema de vida, uma nova moral politica.